

Dirce Côrtes Riedel

É importante observar que Rubens Figueiredo lê outros autores, apresentando-os com clareza e simplicidade, conseguindo atingir, em poucas palavras, o cerne de suas obras.

“Garotos pirados” é o título de uma crônica que apresenta os subúrbios dos Estados Unidos e de sua juventude “para lá de transviada”. É nessa crônica que Rubens Figueiredo apresenta o primeiro romance de Rick Moody — “O Estado Jardim” — e sente-se o ar de fumaça que respiram os seus heróis. O crítico, que se coloca no íntimo desses personagens, vai revelando como se formam as bandas de rock, como esses jovens começam a praticar pequenos furtos para comprar drogas e armas, como formam e desmancham bandas de rock, buscando na música — um som sujo e ameaçador — a voz que lhes falta.

Rubens Figueiredo lê a obra do uruguaio Horácio Quiroga (1878-1937), observando que “a vida de certos autores parece ter sido escrita com a mesma caneta e tinta que eles usaram para compor seus livros”.

O crítico examina a aura de fatalidade que impregna os contos de Quiroga, como um protesto contra o seu destino, ficando às vezes “entre o grotesco e o sentimental”.

“Contos de Amor, de Loucura e de Morte” poderia estar na capa de sua autobiografia. Mortes e envenenamentos se sucedem e produzem a mesma aura de infelicidade que impregna seus contos. No entanto, o crítico assinala que em Quiroga não há um espírito mórbido, mas “um protesto contra o seu destino”.

Noteboom é o nome que Rubens Figueiredo assinala não ser erro de digitação, como um produto de teclado defeituoso. A pro-

---

<sup>1</sup> Apresentação do relatório de pesquisa, em desenvolvimento, na área de Literatura Brasileira, que tem como motivo o escritor Rubens Figueiredo enquanto crítico. Rio de Janeiro, 2002.

dução de Noteboom merece do crítico atenção especial. O livro destacado — “Dias de Finados” — é resumido, dando conta da nossa desumanização ao considerarmos toda a miséria desse mundo como fatos: “a visão desses fatos vira couraça que nos isola deles e nos torna desumanos”.

Noteboom e sua visão trágica do mundo contemporâneo levam-nos a um projeto pessoal — “um filme de tomadas avulsas colhidas em várias partes do planeta ao longo dos anos”.

O herói do “Dia de Finados” — Noteboom — encontra a sombra dos mortos. O luto está sempre no ar e o fim do século apenas sublinha a sensação de que “algo não pára de morrer neste mundo”.

A “A Espera” fornece um panorama da sociedade chinesa entre as décadas de 60 e 80. Rubens Figueiredo mostra que o sacrifício do presente destrói tudo que se deseja desfrutar no futuro. Assim é que, acostumado a obedecer às regras dos superiores, o personagem Jin percebe que esperou dezoito anos só por esperar, em 1985, obedecendo ao ritmo das exigências locais, viajou para os Estados Unidos e decidiu não mais retornar ao seu país natal. O crítico observa que, para Jin, ao se fixar nos Estados Unidos e passando a escrever em inglês, “a mudança de idioma lhe trouxe à tona múltiplas possibilidades de expressão”.

“A Memória Reprimida” é título de uma crônica que Rubens Figueiredo apresenta ao *Jornal do Brasil* (15/06/2002) — sua leitura de “Os Emigrantes”, de W. G. Sebald (1944-2001) através da tradução de Lya Luft. Trata-se de um problema de “memória reprimida”, quando estão em pauta perseguições ocorridas sob o regime de Hitler.

O crítico retoma o próprio Sebald, para quem “escrever sobre o assunto, em especial para pessoas de origem alemã, é algo repleto de perigos e dificuldades, pois se pode facilmente cometer lapsos incômodos de caráter moral ou estético”. Para Figueiredo, a dimensão dos crimes e horrores é de tal ordem que “os escritores se viram às voltas com o problema de representar o irrepresentável”. Para reforçar tal pensamento, o crítico cita o filósofo alemão Adorno, que chegou a dizer, e depois negar, que era impossível escrever poesia após Auschwitz.

Interpretando a atitude de Sebald como a “memória reprimida”, um lugar desses fatos, o assunto torna-se uma presença constante, uma aproximação dos fatos — “experiência que não é compreendida nem mesmo plenamente admitida”.

No entanto, o autor estranha as alusões livrescas, como é o caso de Nabokov e Proust e os surrados clichês de narrativas de memórias dessa época, como referências ao Zepelim e ao cometa Halley.

A crítica a Sebald clama por uma coerência na escolha dos termos, nos momentos em que o autor cai nos clichês da época e nas alusões livrescas.